

HERMANS, Michel / SAUVAGE, Pierre (orgs.): *Bíblia e medicina: o corpo e o espírito*. Tradução do original francês de 2004 por Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Loyola, 2007. 127 pp., 21 X 16 cm. ISBN 978-85-15-03430-7.

Este livro reúne cinco conferências pronunciadas por teólogos e médicos (três deles teólogos e médicos) nas Faculdades Universitárias Notre Dame de la Paix (Namur, Bélgica), no último trimestre de 2003 e primeiro de 2004. Esse ciclo de palestras se insere num projeto que se propõe explicitar as relações entre Bíblia e diversas disciplinas teóricas e práticas.

Depois do prefácio dos organizadores do ciclo (pp. 9-15), seguem-se as conferências. A primeira é de **Didier Luciani**, doutor em teologia, professor de Antigo Testamento em Namur e Lovaina. Aborda o que significa na Bíblia conceber um filho (pp. 17-38). É um tema fundamental, dado que hoje a concepção e nascimento de uma criança são “hipermedicalizados”. Estudando o conjunto do Antigo Testamento – Lei, Profetas, Sabedoria –, ele passa em revista as diversas fases do devir do ser humano até o nascimento: união carnal e concepção, formação do embrião e do feto, período da gravidez, o nascimento e parto, os ritos do nascimento. Constata que no AT em todo esse processo o médico não ocupa nenhum lugar; os atores são pai, mãe, parteira e sacerdote. Mas acima de todos esses está a ação criadora de Deus: “O seio materno serve de quadro e de receptáculo a uma relação de intimidade, uma relação de aliança, que não somente se constrói entre Deus e sua criatura, mas que constitui [...] o próprio ato de criação” (p. 36). O A. observa que, no Ocidente moderno, “Deus e o sacerdote tornaram-se personagens facultativos” no processo de nascimento, enquanto o médico entra como ator indispensável (p. 37). E conclui que, não querendo ser um livro de medicina, a Bíblia não responde aos problemas modernos, mas “pode inspirar ainda nossa conduta, ou ao menos questioná-la” (p. 38), especialmente no tocante ao caráter pessoal da vida pré-natal (cf. Sl 139,13-16; Jó 10,8-12; Sb 7,1-2, textos em que o hagiógrafo se refere em primeira pessoa ao processo de surgimento do embrião).

A segunda contribuição do livro é de **Olivier Artus**, biblista e médico, professor do Instituto Católico de Paris (pp. 39-52). Trata da relação entre cura e salvação no Antigo Testamento. Observa que o tema da “cura” é

periférico. Detém-se, por um lado, na Torá; por outro, na cura de Naamã. Observa que na narração das pragas do Egito a doença (epidemia de furúnculos, morte dos primogênitos) “não é abordada como algo ‘em si mesmo’, mas como um dos aspectos que expressam a soberania de YHWH sobre o cosmos”, no mesmo nível da transformação da água em sangue, das trevas, da praga de gafanhotos (p. 41). A doença é, assim, vista como consequência da infidelidade humana ao projeto de Deus. O mesmo aparece na cura de Naamã: doença é castigo, cura é recompensa (a conversão de Naamã é apresentada como condição de sua cura; pelo contrário, o servo infiel de Eliseu é acometido de lepra). O relato parece datar de uma época em que Israel começa a abrir-se aos pagãos numa situação de diáspora.

A temática neotestamentária é abordada por **Bernard Van Meenen**, professor nas Faculdades Universitárias Saint-Louis, Bruxelas, e na Universidade Católica de Lovaina. Intitula-se “Jesus, o outro e a cura nos Evangelhos” (pp. 53-72). O A. mostra que o fundamental não são as curas, mas em que as curas põem “o ser humano em face de seu destino e do sentido de sua existência” (p. 57). Em última análise as narrações de cura querem levar a nos perguntarmos pela vocação humana diante do sofrimento e da morte. O paradoxo de que o Jesus que cura não se curou a si próprio (não se livrou da morte), nos põe diante da verdadeira perspectiva: a verdadeira doença é o pecado e Jesus, morrendo na cruz, revela que as curas apontavam para a salvação do pecado. A morte de Jesus revela que “sob o signo do medo de morrer, se esconde o medo de viver, e nele o ressentimento de não ser tudo, de não ser imortal, todo-poderoso” (p. 71, corrigindo o português por suposição). E o A. conclui citando P. Beauchamp: “Somente a cruz cura verdadeiramente, pois ela cura da morte, ao passo que os sinais precedentes só faziam retardá-la” (*D’une montagne à l’autre*. La loi de Dieu, Paris: Seuil, 1999, pp. 233-234).

Depois dos teólogos biblistas (um deles também médico), dá-se a palavra a médicos que também são teólogos. **Bruno Cadoré** que, depois de ter feito especialização em pediatria, entrou na ordem dominicana, aborda a relação entre Bíblia e medicina pelo ângulo de uma nova relação com o destino (pp. 73-91), entendendo destino tanto negativamente como a fatalidade que pesa sobre o ser humano, como positivamente, a vontade de construir o futuro, a vocação (cf. p. 75). Inspirado pela medicina o A. indica três tipos de relação do ser humano com seu destino: 1) a relação com a mortalidade; 2) a relação no enfrentamento de uma doença específica; 3) a medicina “preditiva”, isto é, medicina “de diagnóstico antecipado” que estuda a propensão do organismo a determinadas doenças. A mediação entre o ser humano e seu destino se faz pela responsabilidade, pela qual se estabelece uma nova relação com o corpo, com o tempo e com os existenciais (nossas representações de vida e morte, felicidade e infelicidade, de nós mesmos e dos outros). A isso correspondem três conceitos bíblicos: criação, compaixão e combate pela vida. A tese teológica do A. é

expressa assim: “se a medicina é mediadora entre o homem e seu destino, ela pode ser mediadora da relação com a vocação do ser humano na medida em que ela é mediação da aliança” (p. 86). O A. analisa então o texto Sr 38,1-14, um dos raros textos bíblicos que abordam explicitamente a função do médico (não seria o único?). Nesse ponto aparece a temática da criação. A da compaixão se encontra onde a cura é vista como metáfora do restabelecimento da harmonia entre Deus e seu povo (Jr 8,22). Do ponto de vista da compreensão da compaixão é sugestiva a parábola do Samaritano que mostra como “curar é oferecer hospitalidade ao doente em pleno coração da humanidade” (p. 90). O combate pela vida é ilustrado pela perícopa da hemorroíssa e da filha de Jairo, onde o A. propõe que se retenham os seguintes aspectos: “A escuta atenta do desejo da mulher e do chefe, bem como sua queixa e seu pedido; a recusa do quadro social normativo; a intenção de ajudar o retorno à vida e o advento da fecundidade” (p. 90).

O último artigo é do jesuíta **Marc Desmet**, que fala a partir de sua experiência médica como responsável pela unidade de cuidados paliativos do Hospital Virga Jesse, de Hasselt. Procura iluminar sua experiência a partir da fé (Bíblia) (pp. 93-123). Um artigo sumamente sugestivo e original por partir da experiência de um médico-teólogo. Ele mostra o que se passa com o profissional e com o doente e na relação entre eles, em diversas etapas, ao final das quais cita ou comenta passagens da Escritura que sejam iluminadoras das situações. De grande riqueza é a descrição da angústia diante de um doente terminal e sua experiência de sentir-se abandonado. A primeira tarefa do médico não será curar – o que o mais das vezes não é possível – mas não abandonar o enfermo. “O médico age como Deus: este não cura no sentido médico do termo, mas jamais abandona o homem” (p. 99).

Como se pode ver por esse breve percurso, trata-se de um livrinho de grande riqueza, em especial para quem trabalha com enfermos, mas para todo o cristão que leva a sério o que significa Mt 25,36. A tradução em geral é primorosa, mas se podem encontrar alguns cochilos de digitação. Na p. 45, 2ª col., na citação de Dt 28,25, o sujeito da frase deveria ser “YHWH” e não “Israel”; na p. 47, 2ª col., na citação de 1Rs 19,16, deixa-se de citar o mais importante no contexto para a conclusão que o A. tira: a unção de Eliseu como profeta!; na p. 51, 1ª col.: onde se lê “pertinência”, deveria ler-se “pertença”; na p. 62, nota 8, trata-se evidentemente da “unção dos enfermos”, termo técnico em português (e não “unção dos doentes”). Às vezes a tradução se torna ininteligível, talvez por um problema de digitação (cf. p. 62, 1ª col.; p. 72, 1ª col.). Outro aspecto que poderia ser criticado é a apresentação gráfica em duas colunas, desagradável para a leitura e principalmente para referências e citações.

Francisco Taborda SJ

GARCÍA SANTOS, Amador-Ángel: *Gramática do Grego do Novo Testamento*. Tradução do original espanhol de 2002 por Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Loyola, 2008. XVIII + 324 pp., 23 X 17,5 cm. Col. Ferramentas Bíblicas. ISBN 978-85-15-03531-1.

Com a tradução dessa *Gramática do Grego do Novo Testamento*, Edições Loyola oferece mais um instrumento de trabalho para quem quer munir-se das ferramentas indispensáveis para o estudo sério e acadêmico da Bíblia.

O título da obra, em certo sentido, é enganoso, uma vez que não se trata, na verdade, de uma gramática preocupada apenas com apresentar a realidade morfo-sintática da língua grega do Novo Testamento, mas sim de um verdadeiro “método de aprendizagem daquela língua, um método que conjuga a morfologia e a sintaxe grega de modo progressivo” (cf. p. XVII).

A apresentação das formas e estruturas lingüísticas é bem dosada, o que facilita sua compreensão e assimilação. À medida que os elementos gramaticais vão sendo apresentados, o leitor/estudante encontra, no final de cada lição, uma série de exercícios úteis para quem deseja adquirir o domínio do grego neo-testamentário. Contudo, quando interessante ou necessário, as formas do grego clássico também são apresentadas em comparação com as do grego *koiné*, bem como informações de ordem etimológica, na medida em que ajudam a compreender fenômenos que fujam às regras. Um reparo a ser feito é que as letras “yod” e “digamma” são explicadas apenas na lição 42, mas já vinham sendo empregadas na apresentação do aoristo forte de alguns verbos na lição 26, do aoristo passivo (lição 36) e também dos verbos polirrizos (lição 40).

São interessantes certas opções feitas pelo A. Por exemplo, apresenta, já desde a lição 3, o paradigma dos verbos regulares acompanhado pelo paradigma dos verbos contratos (com *épsilon*). Também fenômenos mais complexos como a sintaxe dos casos, a sintaxe verbal, as orações subordinadas vão sendo apresentados desde as primeiras lições. A exposição sobre a dimensão do “aspecto” no sistema verbal (lição 15), um ponto complexo na gramática grega, mas fundamental para distinguir importantes nuances de sentido nas formas verbais, é feita de modo claro e convincente.

Os exemplos para os fenômenos gramaticais são todos tirados dos textos do Novo Testamento, o que contribui muito para que o leitor/estudante, desde o início, se familiarize com a forma do grego nele empregada. A partir da lição 25, começa-se a leitura corrida do evangelho de Marcos (chegando-se até a Mc 4,41, na lição 54, que é a última). Breves informações gramaticais acompanham as perícopes de Mc em cada lição. Também as frases apresentadas nos exercícios de tradução são, na medida do pos-

sível, formuladas de modo a se aproximarem das frases encontradas em textos do Novo Testamento. Da lição 40 em diante, porém, todas as frases dos exercícios são literalmente transcritas do original grego, acompanhadas da indicação da referência bíblica.

No final da obra, encontram-se quatro apêndices muito práticos e úteis: a) uma sugestão de método de transcrição das palavras gregas; b) as regras dos acentos; c) um resumo de morfologia; d) um resumo de sintaxe. O resumo de morfologia, de modo especial, oferece, em tabelas claras e completas, os vários paradigmas das flexões nominais e verbais, cuja utilidade todo estudante e professor de grego bem conhece. Um índice de assuntos bem elaborado fecha a obra.

A bibliografia apresentada nas pp. XI a XIV está adaptada à edição brasileira, apresentando aquelas obras que estão já traduzidas e editadas no Brasil. Torna-se assim um bom indicador sobre o material para estudo do grego bíblico em nosso país.

Ainda que boa parte do vocabulário seja introduzida ao longo da apresentação de cada lição, a obra não dispensa o recurso a um dicionário, uma vez que, nos exercícios, são introduzidos termos não apresentados previamente, sendo essa talvez a maior limitação da *Gramática* de García Santos.

Importa ainda notar que, com exceção de um ou outro pequeno problema, praticamente não há falhas na revisão, o que é fato notável numa publicação desse gênero devido às dificuldades próprias do texto em alfabeto diferente do nosso.

A decisão de Edições Loyola de oferecer o manual de García Santos na coleção *Ferramentas Bíblicas* mostra-se, portanto, muito acertada, sendo excelente contribuição para o público brasileiro interessado no acesso ao texto do Novo Testamento na sua língua original.

Claudio Paul SJ